

MOHAMMED HANIF

O CASO DAS MANGAS EXPLOSIVAS

Tradução de Teresa Curvelo

1

Por alguma razão, estes malditos chefes de pelotão julgam que se enfiarem um tipo numa cela, lhe aproximarem a boca fétida dos ouvidos e lhe berrarem uma obscenidade sobre a mãe, conseguem todas as respostas. De um modo geral, são patéticos estes chefes sem pelotões para comandar. É justamente a falta de capacidade de comando que lhes frustra a carreira, não lhes restando outra opção senão saltitar de um centro de recruta para outro, como figuras de segundo plano deste ou daquele comandante. Identificam-se pelo cinto, lasso e descaído, em consequência do peso da pança. Ou pela boina, cuidadosamente colocada para ocultar a calva luzidia. Os projectos de um mestrado em Administração de Empresas em *part-time* e de uma nova vida acompanham com dificuldade o ritmo das promoções falhadas e dos planos de pensões.

Basta deitar uma olhadela à salganhada de condecorações no peito do meu torturador, por cima do bolso esquerdo da camisa do uniforme, para se ficar a conhecer a sua biografia completa. Uma insígnia deslavada de uma unidade de pára-quedismo foi a única coisa que lhe exigiu que saísse da caserna para a obter. As medalhas da primeira fila chegaram e prenderam-se-lhe ao peito sozinhas. Foram-lhe concedidas pelo simples facto de estar. A medalha do Quadragésimo Dia da Independência. A medalha do Aniversário do Pelotão. A medalha «por hoje não ter mexido uma palha». Depois, a segunda fila, fruto do seu próprio esforço e qualidades de comando. Uma por ter organizado um torneio de *squash*, outra pela grande batalha que foi a semana de repovoamento

florestal. O chefe com a boca colada ao meu ouvido e a minha mãe na cabeça, recebeu uma viagem grátis a Meca e também ostenta uma medalha *Haj*.

Como costumava dizer Obaid: «Glória a Deus! Glória a Deus! Para cada macaco há uma *huri*.»

O segundo oficial está a desperdiçar um pouco mais da sua vida já desperdiçada no esforço de me subjugar ao seu mau hálito e berraria incessante. Será que não sabe que fui eu o inventor de parte das cretinices que me grita aos ouvidos? Nunca ouviu falar do tratamento Shigri? Ignora que outros pelotões me convidavam a meio da noite para fazer chorar os recém-chegados com o meu número de três minutos sobre as mães deles? Será que pensa que «estou a cagar-me para a puta da tua mãe», mesmo pronunciada com força 5, conserva algum significado quando faltam poucas semanas para a revista anual do Presidente e a promoção a oficial?

A teoria era extremamente simples: qualquer bom soldado aprende a abstrair-se do ruído e a dissociar essas expressões do seu significado aparente. Quero eu dizer que quando dizem essas coisas sobre a nossa mãe, não têm a menor intenção – e tão-pouco o menor desejo – de fazerem o que dizem que querem fazer com a nossa mãe. Dizem-no porque é a primeira coisa que lhes vem à cabeça, porque soa bem e não requer uma ponta de imaginação. A palavra «mãe» reverbera por instantes na nossa cabeça quando a pronunciam com os lábios colados aos nossos ouvidos. E acaba aí. Nem *sequer* conhecem de vista a nossa pobre mãe.

Aquele que se for abaixo só pelo impacto disto mais vale ficar na terra a tratar das cabras do pai ou ir estudar Biologia e ser médico para desfrutar de toda a paz e silêncio que lhe der na real gana. Porque, como militar, o ruído é a primeira coisa de que aprendemos a defender-nos e, como oficial, o ruído é a primeira arma de ataque que aprendemos a esgrimir.

A menos que façamos parte da Unidade de Instrução Silenciosa.

Basta um tipo observar a parada durante o exercício da manhã para ver quem manda. Quem dá as ordens? Somos mais de mil, escolhidos de entre uma população de cento e trinta milhões, submetidos a provas físicas e psicológicas tão extenuantes que apenas um em cada cem aspirantes consegue superá-las, e quando esta nata e elite da nossa nação, como nos

é constantemente lembrado, chega aqui, quem a dirige? Aquele que fala mais alto, aquele que tem a voz mais clara, aquele capaz de insuflar o peito para pronunciar uma ordem capaz de aturdir os corvos da manhã e obrigar mesmo os cadetes mais obstinados a levantar os joelhos até à cintura e fazer o mundo parar ao golpearem o chão de cimento com os tacões.

Era pelo menos o que eu pensava antes da chegada do tenente Bannon com as suas teorias sobre a cadência interior, as ordens dadas em silêncio e as técnicas de instrução subsónicas. «Uma instrução com ordens não é mais do que isso: uma instrução», compraz-se em afirmar Bannon. «Uma instrução sem ordens é uma arte. Quando berras uma ordem, só te ouvem os rapazes do teu pelotão. Mas quando a tua cadência interior sussurra, até os deuses a escutam.»

E Bannon não acredita em nenhum deus.

Pergunto a mim mesmo se virá visitar-me aqui. Não sei se o deixarão entrar nesta cela.

O segundo oficial já está exausto de tanto falar na minha mãe e pressinto um apelo para o meu bom senso. Contraio os músculos do abdómen perante a arenga iminente sobre «a nata e a elite da nação». Não quero vomitar. A cela é pequena e ignoro quanto tempo vou ficar aqui.

– Tu és a nata e a elite da nação – diz ele, abanando a cabeça. – És o orgulho da Academia. Acabo de te recomendar para a Espada de Honra. Vai ser-te entregue pelo Presidente do Paquistão. Tens duas opções: graduares-te com todas as honras dentro de quatro semanas ou saíres às cambalhotas ao som dos tambores. Amanhã. Palmas. Palmas. Como Tony Singh. – Bate as palmas duas vezes como os figurantes dos filmes indianos num coro de música *qawwali*.

Foi o que fizeram a Tony Singh. Expulsaram o desgraçado sob o rufar dos tambores. Se bem que, verdade seja dita, nunca cheguei a perceber o que fazia Tony Singh na força aérea da República Islâmica. Antes de conhecer Tony Singh (ou antes, Sir Tony, como tínhamos de lhe chamar porque andava seis cursos à frente do nosso), o único Tony que conhecia era o cão da nossa vizinha e o único Singh que tinha conhecido aparecia no meu livro de História, um marajá zarolho que governou o Punjab há alguns séculos. Pensava que depois da Partição tinham desaparecido todos os Tonys e todos os Singh, mas pelos vistos alguns não perceberam a mensagem.

Tony Singh não percebeu a mensagem nem mesmo quando encontraram um transístor no quarto dele e o acusaram de espionagem. A defesa de Sir Tony assentou no programa *Top of the Pops*. Reduziram a acusação a conduta imprópria de um oficial e acabaram por o expulsar a toque de tambor.

Um tamborileiro solitário – um cabo que, depois de carregar durante toda a vida o maior tambor da banda da Academia, tinha começado a parecer ele próprio um tambor – seguia à frente e, com o seu rataplã-plã-plã, marcava o ritmo da marcha. Mais de mil cadetes formaram alas de ambos os lados da Avenida das Águias, desde a prisão até ao portão principal.

«Descansar», foi a ordem que recebemos.

Tony Singh saiu do calabouço, depois de passar algumas noites nesta mesma cela. Tinha a cabeça rapada, mas ainda envergava o uniforme. Muito direito, recusou-se a baixar os olhos ou a olhar de esguelha.

«Palmas», foi a nova ordem.

Começámos a bater palmas compassadamente. O segundo oficial no comando removeu o cinturão e os galões das ombreiras de Sir Tony e depois aproximou-se e segredou-lhe algo ao ouvido. Sir Tony ajoelhou-se, apoiou as mãos no chão e deu uma cambalhota para a frente sem tocar o cimento com a cabeça rapada.

O gajo mostrava-se arrogante mesmo de rabo alçado para o céu.

O percurso foi exasperantemente lento. Passado um bocado o rufar do tambor tornou-se insuportável. Uns cadetes batiam palmas com mais entusiasmo do que outros.

Olhei de soslaio e vi que Obaid fazia um esforço para reprimir as lágrimas.

– *Sir*, juro por Deus que ignoro o paradeiro do cadete Obaid – digo, tentando manter o equilíbrio sobre a linha resvaladiça entre humilhar-me e cuspir-lhe na cara.

O segundo oficial quer ir para casa. Reclama-o uma noite de crueldade doméstica e *Baywatch*. Agita a declaração escrita por mim à minha frente.

– Tens uma noite para reflectir sobre isto. Amanhã faço-a chegar às mãos do comandante e se há coisa que ele deteste mais do que os seus

homens desaparecerem é os cúmplices armados em espertos. O comandante aguarda com muita expectativa a visita do Presidente. Aliás, todos nós. Não queiras estragar tudo.

Vira-se para sair. A metade superior do meu corpo descontraí-se. Ele apoia a mão no puxador da porta e dá meia-volta; a metade superior do meu corpo volta à posição de sentido.

– Vi uma vez o teu pai e era um soldado até à medula. Olha para ti.
– Um sorriso perverso assoma-lhe aos lábios. – É uma sorte que vocês, montanheses, não tenham pêlos na cara.

Faço a continência, recorrendo a todo o meu treino de instrução silenciosa para reprimir a cadência interior, que está a dizer: «Eu também me estou a cagar para a tua mãe.»

Interrogo-me por instantes o que faria Obaid nesta cela. A primeira coisa que o teria incomodado era o odor deixado pelo segundo oficial. Aquele cheiro a cebola queimada e a iogurte caseiro rançoso. O odor da suspeita, o odor das coisas que não correram como previsto. Porque o nosso Obaid, o nosso Baby O, acredita que não há nada no mundo que umas gotas de *Poison* no pulso e uma velha melodia não possam resolver.

É inocente do mesmo modo que o são os canários solitários, que saltitam de ramo em ramo, resistindo com um suave voltejar das asas e uns mililitros de sangue à gravidade deste mundo que quer atrair-nos a todos à sua superfície pútrida.

Que hipóteses teria Obaid diante deste segundo oficial? Baby O, o recitador de versos antigos com voz sussurrante, o cantor de melodias de outros tempos? Como superou o processo de selecção? Como conseguiu arranjar-se para ser aprovado no teste de qualidades de oficial? Como dirigiu os outros candidatos nos simulacros de sobrevivência na selva? De que ardis se serviu para encaixar nos perfis psicológicos?

Bastava que lhe baixassem as calças e vissem as cuecas de seda com pequenos corações bordados no cóis.

Onde estás, Baby O?

O tenente Bannon viu-nos pela primeira vez no espectáculo de variedades anual, onde representávamos o bailado da Pomba e do Falção. Isto passou-se antes de o comandante substituir os espectáculos de variedades por Círculos de Estudo do Corão e Actividades Literárias

Depois do Jantar. Enquanto cadetes do terceiro curso, cabiam-nos a nós os números de disfarces e toda essa merda enquanto os mais velhos podiam cantar as canções do George Michael em *playback*. Nesse momento estávamos a representar com mímica um poema revolucionário do mais machista possível. Eu, a Águia imperialista, caía sobre a Pomba de Obaid, símbolo do Terceiro Mundo. Ele defendia-se e, à guisa de apoteose final, aterrava sobre o meu peito e enterrava-me o bico de cartão no pescoço até o fazer sangrar.

Bannon foi conhecer-nos aos bastidores enquanto nos despojávamos das ridículas penas.

– Viva! Que grandes feras, vocês deviam estar em Hollywood! – O seu aperto de mão era firme e exagerado. – Foi uma bela actuação. – Virou-se para Obaid, que limpava com um lenço a graxa castanha do rosto. – Sem as pinturas de guerra, és uma criança – comentou. – Como te chamas?

Ao fundo, Sir Tony desafinava tanto na sua interpretação de *Careless Whisper* que os altifalantes emitiam guinchos de protesto.

Sob a boina carmesim, o rosto de Bannon assemelhava-se a couro curtido e os olhos a charcos de um verde-claro que não viam uma gota de chuva há anos.

– Obaid. Obaid-ul-llah.

– E o que é que isso significa?

– Servo de Alá – respondeu Obaid, inseguro, como se tivesse de explicar que não tinha sido ele a escolher o nome.

– E que significa o seu nome, tenente Bannon? – pergunto eu, saindo em socorro de Obaid.

– É só um nome. Ninguém me chama tenente. Para vocês, as vedetas do espectáculo, sou o compincha Bannon.

Bateu com os tacões e virou-se para Obaid. Pusemo-nos os dois em sentido. Fez a continência a Obaid levantando dois dedos à altura da testa e, em seguida, pronunciou umas palavras que naquele momento nos pareceram mais uma demonstração do estranho jargão militar americano, mas que mais tarde se converteram em tema de mexeriquice na cantina.

– Vemo-nos na parada, Baby O.

Senti ciúmes, não pela intimidade insinuada, mas por lamentar que aquela alcunha não me tivesse ocorrido a mim.

Recapitulo mentalmente tudo o que poderiam encontrar no quarto para me atirar à cara:

1. Um quarto de uma garrafa de dois decilitros e meio de rum *Murree*.
2. Uma foto de um grupo de caloiros em roupa interior (de facto, roupa interior molhada pelas chuvadas de Dezembro).
3. Um vídeo *Love on a Horse*.
4. As placas de identificação de Bannon, que ainda constam como tendo desaparecido no quadro de perdidos e achados da portaria.

Se o sangue Shigri que me corre nas veias não estivesse totalmente desprovido da mínima inquietude literária, teria acrescentado a poesia como Prova n.º 5, porém, enclausurado numa cela, quem é o cabrão que se vai lembrar de poesia a menos que seja comunista ou poeta?

A porta da cela tem uma abertura de receptáculo de correio, como se alguém me fosse escrever: «Caro Ali Shigri, espero que gozes de excelente saúde e desfrutes da tua estadia em...»

Estou de joelhos, com os olhos à altura da ranhura do receptáculo. Sei que Obaid teria levantado a tampa do receptáculo para ficar a olhar o desfile de cus vestidos de aqui, entretendo-se a tentar adivinhar a quem pertencia cada um. O nosso Baby O era capaz de fazer uma análise de personalidade pormenorizada pelo simples facto de observar se uma pessoa usava o cinto mais ou menos descaído e mais ou menos apertado.

Não quero levantar a tampa e deparar com alguém que me veja a observá-lo. Já deve ter corrido a notícia. O carneiro do Shigri está onde merece, deitem fora a chave.

A tampa levanta-se sem eu lhe mexer e o novato merdoso anuncia o jantar.

– Desaparece! – exclamo, mas arrependo-me logo em seguida. Um estômago vazio significa pesadelos.

No meu sonho, há um *Hércules C130* coberto de flores de cores vivas como as que se vêem nos carros dos *hippies*. As hélices do avião são de um branco puro e rodopiam em câmara lenta, expelindo jorros de flores de jasmim. Baby O está de pé na extremidade da asa direita, mesmo atrás da hélice, com uma túnica de seda preta e o boné de pala

cerimonial. Eu estou de pé na ponta da asa esquerda, com o meu uniforme. Baby O grita qualquer coisa por cima do ruído ensurdecedor do avião. Não distingo as palavras, mas pelos gestos percebo que pede que me aproxime. Quando dou o primeiro passo em direcção a Baby O, o C130 inclina-se e inicia uma viragem de trinta graus à esquerda, e de súbito resvalamos pelas asas, rumo ao esquecimento. Desperto com um desses gritos que ecoam por todo o corpo mas morrem na garganta.

De manhã, atiram-me uns poemas. De Rilke, para quem se interessa por poesia.

O oficial que dirige a nossa Academia, ou o comandante, como gosta que o tratem, é um homem de gostos sofisticados. Cabelo bem penteado, uniforme feito à medida e condecorações da Escola de Oficiais de um brilho impecável. As ombreiras bem enchumaçadas. Bom, é verdade que ainda não tem o crescente e as espadas cruzadas de general de duas estrelas, mas o tipo não se perde enquanto espera que cheguem.

Tudo o que encontram são umas folhas de papel amarrotadas enfiadas na costura obrigatória do meu colchão. *Pistas*, pensam eles.

Eu não leio poesia e antes até me recusava a fingir que lia os estranhos livros de poemas que Obaid me dava constantemente. Dava sempre a desculpa de que só sou capaz de apreciar a poesia em urdu. Então ele resolveu traduzir os poemas desse alemão para urdu, para nos oferecer nos anos, com rimas em urdu, porque além do mais me tinha insurgido contra a poesia não rimada. Traduziu cinco poemas na sua bela letra de calígrafo, com pequenas curvas e elegantes traços, que colou no interior do meu armário.

Na operação de limpeza que levei a cabo na manhã do seu desaparecimento, guardei-os no colchão, na esperança de que o segundo oficial não chegasse tão longe na sua busca da verdade.

Penso em quase todas as possibilidades e tenho as respostas preparadas, mas isto deixa-me sinceramente desconcertado. De que irão acusar-me? De traduzir poesia estrangeira para a língua nacional? De uso indevido de papel de carta oficial?

Decido ser franco.

O comandante acha a explicação divertida.

– Belo poema – comenta, alisando o papel amarrotado. – De manhã, em vez da instrução, devíamos começar o dia com recitais de poesia. – Vira-se para o segundo oficial. – Onde encontrou isto?

– No colchão dele – responde o segundo oficial, impante por ter ido muito além do cumprimento do seu dever.

Rilke volta a ser amarrotado e o comandante fixa no segundo oficial um desses olhares de que só são capazes os militares com herança genética de general.

– Não tínhamos resolvido já este problema?

«Toma, para aprenderes», sussurra a minha cadência interior.

O comandante toma o pulso à nação e ajusta sempre as velas consoante o vento que sopra do Comando-Geral do Exército. Expressões como «Alá Todo-Poderoso» e «Manter os cavalos aparelhados porque vêm aí os infieis russos» têm aparecido ultimamente nas suas ordens do dia, mas não renunciou à sua missão secular de se desfazer dos colchões de espuma com buracos.

– Sabes porque éramos uma raça superior de oficiais? Não por termos instrutores formados em Sandhurst. Não. Era porque dormíamos em delgados colchões de algodão, debaixo de mantas de lã ásperas como cus de asnos.

Olho por cima da sua cabeça e observo as fotografias da inspeção presidencial pregadas na parede, os troféus enormes e reluzentes guardados numa vitrina e procuro o meu pai.

Sim, aquele homem de bronze de vinte e três centímetros, de pistola, é meu. O Troféu Comemorativo Shigri para o Melhor Atirador com Arma de Curto Alcance, assim denominado em homenagem ao coronel Quli Shigri, ganho pelo cadete Ali Shigri. Naquele momento não quero pensar no coronel Shigri, nem na ventoinha do tecto, nem no lençol atado que os unia. Pensar no meu pai, na ventoinha e no lençol deixa-me sempre furioso ou triste. E este não é o lugar adequado para nenhuma dessas emoções.

– Olha para eles agora. – O comandante vira-se para mim. Estreito mais os braços contra o tronco e mudo subtilmente a posição do pescoço para poder continuar a olhar o homem de bronze.

«E que tenho eu a ver com isso?», penso. «Não fui eu que inventei a maldita tecnologia com que fazem os colchões de espuma.»

– E estes mariconços...

Um bom chavão novo, penso para comigo. É assim que mantém a sua autoridade. Inventando expressões novas que um tipo não percebe de facto mas sabe que lhe são dirigidas.

– Estes mariconços dormem em colchões de vinte e três centímetros, debaixo de malditos edredões de seda e acham-se umas malditas princesas mongóis em lua-de-mel.

Entrega o Rilke amarrotado ao segundo oficial, sinal de que o interrogatório pode continuar.

– Isto é teu? – pergunta o segundo oficial, agitando-me os poemas diante da cara.

Tento recordar algo dos poemas, mas fico bloqueado por um verso mal memorizado sobre uma árvore que brota de uma orelha e que, se já é estranho em inglês, em urdu soa completamente delirante. Não sei que raio escreveu o tipo em alemão.

– Não, mas reconheço a letra.

– Nós também reconhecemos a letra – volve, em tom triunfante. – Que fazia isto no teu colchão?

Preferia que tivessem encontrado a garrafa de rum ou o vídeo. Certas coisas explicam-se por si só.

Decido continuar fiel à verdade.

– Foi um presente de aniversário do cadete Obaid.

O segundo oficial devolve os poemas ao comandante, como se acabasse de apresentar as provas da acusação, seja ela qual for.

– Nas minhas funções já vi malandros de toda a espécie – começa o comandante lentamente. – Mas um mariconço oferecer poesia a outro mariconço e depois o outro mariconço enfiá-la no buraco do colchão é uma perversão que ultrapassa tudo.

Dir-lhe-ia de bom grado como uma palavra nova pode perder rapidamente o seu encanto por excesso de uso, mas ele ainda não tinha acabado.

– O sacana acha-se muito esperto. – Dirige-se ao segundo oficial, claramente divertido com a situação. – Chame o ISI para terem uma conversa com ele.

Sei que ainda não deu o assunto por concluído.

– Escuta, rapaz, por muito esperto que sejas e por mais poesia amarricada que leias, há uma coisa que te falta: experiência. E aqui, de que serve a poesia? Quando vesti este uniforme pela primeira vez...

Lanço uma derradeira mirada ao homem de bronze com uma pistola. Os olhos desorbitados do coronel Shigri estão fixos em mim. Este não é o sítio adequado, repito para comigo.

O comandante apercebe-se do meu alheamento momentâneo e repete o que estava a dizer.

– Quando vesti este uniforme pela primeira vez, ainda tu estavas em estado líquido.

O segundo oficial manda-me sair do gabinete do comandante em passo de marcha. No caminho de regresso procuro evitar as saudações dos cadetes que passam por mim. Finjo acompanhar o segundo oficial num passeio tranquilo, que acabará no quarto e não nos calabouços.

Não consigo pensar em mais nada senão no ISI.

Não pode passar de uma ameaça destituída de fundamento. Não acredito que solicitem a intervenção dos malditos Serviços Secretos só porque um cadete se ausentou sem licença. O ISI tem a ver com segurança nacional e espionagem. E quem diabo precisa hoje de espões? Os Estados Unidos da América possuem satélites com câmaras tão potentes que conseguem contar o número exacto de pêlos que temos no cu. Bannon mostrou-nos uma foto desse satélite e afirmou que tinha visto fotos de rabos tiradas do espaço, que não nos podia mostrar por se tratar de informação secreta.

O ISI também é responsável pela droga, mas nós nunca nos drogámos. Bom, é verdade que fumámos haxixe uma vez, mas, nas montanhas de onde venho, o haxixe é uma espécie de condimento para cozinhar, para as dores de cabeça e coisas do género. Obaid conseguiu algum através do nosso lavadeiro, o Empertigado, e estivemos a fumar uma noite à luz da lua no meio da parada. Ao Obaid deu-lhe para cantar e quase tive de o amordaçar antes de o levar de volta ao quarto.

Tenho de fazer chegar um SOS a Bannon.

Mas que grande merda. Que grande merda.